

JESUS – PROFETA MILAGREIRO DOS NECESSITADOS

*Lucas 4.16-30 em face do debate sobre
Evangelificação x Responsabilidade Social*

Pesquisador: Prof. Dr. Jonas Machado
Faculdade Teológica Batista de São Paulo
Departamento de graduação em Teologia
Professor Doutor em Ciências da Religião
Eixo Temático: Bíblia
Categoria: Mesa redonda

INTRODUÇÃO

Nosso propósito neste ensaio é apresentar uma reflexão sobre a história recente da relação entre “Evangelificação” e “Responsabilidade Social” no meio evangélico, a conceituação destas expressões, e sua relação com Lucas 4.14-30, que será nosso “corte” no tema maior denominado “Bíblia e Missão Integral”. Mas antes da história, conceituação e aplicação, é necessário explicar porque escolhemos justamente esses conceitos e esse texto bíblico.

Entre evangélicos, os dois conceitos, evangelificação e responsabilidade social, colocados em paralelo ou em contraposição, se encontram assim de modo típico pelo menos desde o “Congresso de Evangelificação Mundial” ocorrido em Lausanne em 1974. Evidentemente, esta relação é muito mais antiga do que o referido congresso. Entrementes, foi justamente a partir desse evento evangélico mundialmente conhecido que esses conceitos foram colocados de frente numa luta por primazia.

Por outro lado, para falarmos da relação desses dois conceitos de modo abrangente com a Bíblia seria preciso um longo trabalho. Mesmo assim, acabaria sendo uma pesquisa panorâmica, superficial. Por isso, e também porque nossa formação está voltada para a exegese bíblica, após um resumo histórico e uma conceituação básica, optamos pela revisão de um texto que é clássico para o tema, como procuraremos demonstrar a seguir.

EVANGELIZAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL NO MOVIMENTO DE MISSÃO INTEGRAL DESDE LAUSANNE

A escolha da relação entre “Evangelificação” e “Responsabilidade Social” é porque, ao que parece, esta relação é o principal ponto de tensão entre evangélicos quando o assunto é “Missão Integral”. É principalmente nessa questão que as opiniões se dividem fortemente.

Em primeiro lugar, o próprio nome do congresso de Lausanne em 1974, denominado de “Congresso Internacional de Evangelificação Mundial”,¹ coloca

em relevo o tema da evangelização. Só por isso era de se esperar que a definição do que é evangelização e sua relação com a responsabilidade social fosse um eixo de todo o movimento.

Na primeira palestra do referido congresso, Billy Graham usou um tom tipicamente evangelístico no sentido tradicional e manifestou sua preocupação, entre outras, de que as questões sociais sufocassem a tarefa de evangelização, criticando qualquer definição de evangelização que não esteja voltada para salvação de almas.²

Ao mesmo tempo, o pacto de Lausanne, resultante do congresso, mostra que seus pontos, em geral, não apresentam novidade em termos de confissão de fé evangélica, exceto na inclusão do tema da responsabilidade social e sua tentativa de relacioná-lo com a evangelização, e uma visão menos individualista e mais coletiva desta última.³

Em outras palavras, embora o referido congresso tenha sido ímpar em vários sentidos, especialmente por ter sido o primeiro com tantos participantes do hemisfério sul para refletir sobre questões pertinentes na época, o pacto propriamente dito tangenciou confissões de fé anteriores, ao passo que destacou a relação entre evangelização e responsabilidade social de modo peculiar – daí a conclusão de que esse acabou sendo o eixo principal do pacto.

Entre os 10 pequenos livros da série Lausanne, o segundo volume, que versou sobre evangelização e responsabilidade social, e que foi escrito quase dez anos depois do congresso, manifesta a tensão existente. Ao passo que continua sustentando a primazia da evangelização afirmada no pacto por uma questão de lógica – a salvação eterna das pessoas é mais importante que questões sociais temporais – confessa que tal posição causava muita inquietação a alguns participantes.⁴

O congresso denominado de Lausanne II, ocorrido em Manila, nas Filipinas, em 1989, não teve a mesma repercussão que o primeiro, além de ter testemunhado um grave recuo, pelo menos pela perspectiva de alguns latino-americanos. Este segundo congresso, de fato, não trouxe nada diferente do primeiro, considerado até mesmo um retrocesso, sem participação de latino-americanos como palestrantes, exceto alguns radicados na América do Norte.⁵

Evidentemente, muito tempo passou depois daquele primeiro congresso. Entretanto, ao longo desse tempo, embora muitos aspectos da “Missão Integral” tenham sido desenvolvidos, a “tensão” entre evangelização e responsabilidade social permanece, e a relação entre esses conceitos continua sem consenso representativo.

Recentemente aqui no Brasil, por exemplo, ao fazer uma síntese teológica da Missão Integral, Kivitz enfatiza a dimensão coletiva da soteriologia e diz que a salvação pessoal é “apenas uma parcela do que o Novo Testamento chama de salvação”.⁶

Esta é uma afirmação que certamente incomoda os que estão do outro lado, lutando por enfatizar a prioridade da salvação individual. Daí porque Zabatiero destacou que a relação entre evangelização e responsabilidade social foi um dos mais calorosos debates no congresso de Lausanne.⁷ Ao que parece, entretanto, essa relação é, na verdade, o “calcanhar de Aquiles” de todo o movimento.

Publicado neste ano de 2010, o livro de Ricardo Gondim sobre Missão Integral, fruto de sua dissertação de Mestrado, dedica para esse tema o último capítulo, chamado de “A Difícil Tarefa de Equilibrar Evangelização e Responsabilidade Social”.⁸

Desde o prefácio, escrito por Jung Moo Sung, até o último capítulo, sobressai uma tensão entre evangelização, no sentido tradicional, e responsabilidade social. A proposta de Gondim é romper com o fundamentalismo de cunho pré-milenarista. Isto incluiu repensar a idéia de evangelização como resgatar almas para o céu antes da iminente volta de Cristo – um tipo de concepção comum de evangelização entre evangélicos, como no slogan de uma conhecida igreja evangélica brasileira que diz: “Jesus está voltando! Volte pra ele antes!”.⁹

Essa concepção, por um lado, alimenta uma expectativa que já perdura por dois milênios, sempre acompanhada da tentativa de justificar os “atrasos”. Por outro lado, este considerado o lado pior, mina a preocupação e engajamento cristão na luta pela justiça social no mundo criando um “docetismo missiológico”, isto é, enfatiza o divino e eterno, e despreza o terreno e humano. Parece ser esta a grande questão para Gondim.

Gondim destaca ainda que essa tensão se traduz nas concepções diferentes do reino de Deus nas duas vertentes, o que tem implicações importantes para o texto bíblico proposto nesse ensaio.

Os que se aproximam do fundamentalismo com ênfase na prioridade da proclamação para salvação individual tendem a destacar a proximidade do reino de Deus e a esperança de seu estabelecimento definitivo nesta geração.

Os que se distanciam do fundamentalismo, equiparando a evangelização e responsabilidade social, enfatizam que o reino de Deus já chegou por antecipação na pessoa de Jesus. Por isso, não só a proclamação, mas a obra inteira de Jesus se torna o modelo da missão.

Sendo assim, entender a missão de Jesus como um todo é fundamental para a compreensão da missão da igreja. Visto que o texto proposto é entendido como um programa da missão de Jesus, pelo menos para o evangelho de Lucas, ele se torna um corte relevante para a discussão do tema, ainda que seja somente um corte.

CONCEITUAÇÃO DE EVANGELIZAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Antes, entretanto, de lidarmos com o texto propriamente dito, será apropriada uma conceituação básica de evangelização e responsabilidade social. Vamos começar por “evangelização”.

No Novo Testamento “evangelizar” e “evangelho” são de suma importância, visto que são usados extensivamente pelos autores sagrados.¹⁰ O substantivo “evangelização” é derivado, denotando a ação do verbo “evangelizar”.

Numa ampla abordagem do verbo e do substantivo, aqui apenas resumida, é relevante destacar alguns aspectos mais importantes para nosso tema.¹¹

No Antigo Testamento (LXX) o vocábulo é pouco frequente, mas ressalta o anúncio da boa notícia de vitória e salvação de Israel no contexto do cativo e o surgimento de uma nova era, especialmente na segunda parte de Isaías (40-66). No mundo grego está ligado ao “homem divino” (θεῖος ἄνθρωπος) que traz salvação por meio de seus milagres, e ao anúncio da vitória contra forças hostis, às vezes com o sentido de anunciar uma mensagem sagrada, um oráculo dos deuses.

No Novo Testamento se refere às boas novas escatológicas da segunda parte do livro de Isaías, agora vistas como sinais do cumprimento do tempo messiânico. Estes sinais estão relacionados à pregação, aos milagres e à ressurreição dos mortos. Não somente a pregação e ensino de Jesus, mas toda a sua obra, incluindo seus milagres, é descrita em termos de “evangelizar”.

Do amplo e diversificado uso do substantivo e do verbo no Novo Testamento, nos interessa aqui ressaltar que, na obra lucana, o substantivo nunca aparece no evangelho, e ocorre apenas em Atos 15.7 e 20.24. Este fato denota uma ausência peculiar do substantivo em Lucas-Atos.

O verbo, por sua vez, das 54 ocorrências em todo o Novo Testamento, 25 estão em Lucas e Atos (10 em Lucas). Ao passo que, nos outros três evangelhos, aparece apenas uma única vez em Mateus 11.5.

Dessa constatação, Becker concluiu que o verbo foi usado nesse evangelho de modo mais próximo do sentido geral de “proclamar boas novas”. É bem possível que tenhamos aqui algo mais próximo da origem da concepção de evangelizar onde os conceitos de “profeta escatológico” e “levar boa notícia aos pobres” estão interligados, conforme o contexto de Isaías 40-66, como mencionado acima.¹²

Acrescentaríamos a possibilidade de que essa situação indique que a ação de evangelizar ainda não contava com um típico conteúdo mais estanque, talvez mais amplo, do que seria o “evangelho”, como no caso de Paulo, que é considerado aquele que estabeleceu o substantivo “evangelho” no vocabulário do Novo Testamento.

Todavia, é importante ressaltar que “o Reino de Deus” é o objeto desse verbo que mais ocorre em Lucas-Atos, especialmente se for considerado também o verbo “pregar” geralmente associado a “evangelizar” (Lc 4.43,8.1,16.16,9.2 At 8.12,20.25,28.31), mas a expressão não fica claramente definida.¹³

Quanto à “responsabilidade social”, a expressão não se encontra na Bíblia. Ela está relacionada ao pacto de Lausanne, que empregou esta expressão no título do parágrafo 5, mas que também se valeu de outras no corpo do parágrafo, como “ação social”, “envolvimento sócio-político” e “justiça (social)”.¹⁴

O que vale aqui destacar da expressão e seus correlatos, grosso modo, é a implicação de que deve haver uma ação dos cristãos quanto à injustiça das estruturas político-sociais da sociedade, tanto no sentido de denúncia, quando no sentido de agir de modo exemplar. A ênfase é que não basta dar comida ao que está faminto, mas é preciso lutar contra as estruturas sociais que produziram o faminto.

Ao mesmo tempo, porém, o pacto dá apenas as linhas gerais do tema, deixando para os indivíduos e instituições decidirem como aplicar especificamente os princípios em cada situação concreta.

LUCAS 4.14-30

Com esses referenciais apresentados em mente vamos para o texto bíblico que propomos abordar, que pode ser traduzido assim:

¹⁶ E entrou em Nazaré, onde fora criado, e, conforme seu costume no dia dos sábados entrou na sinagoga e ficou em pé para ler. ¹⁷ E foi dado a ele o rolo do profeta Isaías e, tendo desenrolado o rolo, achou o lugar onde estava escrito: ¹⁸ O Espírito do Senhor [está] sobre mim porque ele me ungiu para evangelizar pobres, enviou-me para anunciar a cativos libertação, e a cegos recuperação de visão, para enviar quebrados em libertação, ¹⁹ para anunciar o ano favorável do Senhor. ²⁰ E tendo fechado o rolo e entregue ao assistente, sentou. E os olhos de todos na sinagoga estavam atentos a ele. ²¹ Então ele começou a dizer-lhes: Hoje foi cumprida esta Escritura nos vossos ouvidos. ²² E todos testemunhavam a seu favor e estavam admirados com as palavras da graça que saíam da sua boca e diziam: não é este filho de José? ²³ E disse a eles: certamente direis a mim esta parábola: Oh Médico! Cura a ti mesmo! Tudo o que ouvimos que acontece em Cafarnaum faz também aqui em tua terra de origem. ²⁴ Mas ele disse: na verdade vos digo que nenhum profeta é bem-vindo em sua terra de origem, ²⁵ e lhes digo baseado na verdade: muitas viúvas existiam nos dias de Elias em Israel quando o céu foi fechado por três anos e seis meses a ponto de acontecer uma grande fome sobre toda a terra, ²⁶ mas Elias não foi enviado para nenhuma dentre eles se não para uma viúva

*em Sarepta de Sidom. ²⁷ E muitos leprosos existiam em Israel no [tempo] de Eliseu o profeta e nenhum deles foi purificado senão Naamã o Sírio. ²⁸ E ficaram todos cheios de furor na sinagoga ouvindo estas coisas ²⁹ e tendo se levantado expulsaram-no para fora da cidade e o levaram até o cume do monte sobre o qual a cidade deles fora construída a fim de precipitá-lo. ³⁰ Mas ele, atravessando no meio deles, foi embora.*¹⁵

O modo de Lucas apresentar a rejeição de Jesus em Nazaré é peculiar. Os outros evangelhos sinóticos apresentam o tema em certa altura do ministério de Jesus e de modo bem resumido (Mt 13.53-58; Mc 6.1-6). Em João (4.44) consta tão somente a máxima de que um profeta não tem honra em sua própria terra. Lucas, por sua vez, apresenta esse episódio logo no início de seu evangelho como primeiro discurso e de modo mais extenso.

Por essa razão os intérpretes reconhecem o caráter programático desse texto, isto é, Lucas pretende colocar esse discurso inaugural como resumo e essência do ministério de Jesus, e como referencial para sua obra completa – Lucas-Atos.

Outro aspecto importante é que o contexto imediato no qual está inserido esse parágrafo põe em relevo a rejeição de Jesus por parte de Nazaré, pois os textos que antecede (Lc 4.14-15) e sucede (Lc 4.31-32) destacam o amplo sucesso de Jesus na circunvizinhança.

Daí surgem as perguntas: porque Lucas apresenta Jesus sendo rejeitado em sua própria cidade logo no início de seu evangelho de modo tão característico? Que função tem esse texto em todo o programa do evangelho de Lucas e como ele quer que Jesus seja entendido por seu(s) leitor(es)? E, conforme nosso tema, de que modo essa passagem nos ajuda a entender a relação entre evangelização e responsabilidade social?

Para lidar com essas questões de uma perspectiva exegética, vamos nos valer do método de Robbins, “Crítico-Sócio-Retórico”, que propõe dar atenção detalhada ao próprio texto de modo a fazê-lo interagir com o mundo de quem o escreveu e com o mundo do leitor atual através de estratégias de abordagem e métodos recentes. Aqui, porém, nos ateremos basicamente aos diagramas de repetição e progressão propostos por Robbins.¹⁶

Os dados repetitivos e progressivos dos referidos diagramas permitem uma visão do quadro geral do texto que dá base para uma análise posterior dos detalhes textuais. Os diagramas de repetição e de progressão são os seguintes:

16	Nazaré	sinagoga				
17			rolo	profeta		
			rolo	Isaías		
18					pobres	evangelizar
					cativos	pregar
					quebrantados	enviar
19						pregar
20		sinagoga	rolo			
21			Escritura			
23	Cafarnaum			(médico)		
	tua cidade de origem					
24	tua cidade de origem			profeta		
25				Elias	viúvas	
26	Sarepta			Elias	nenhuma (viúva)	
					viúva	
27				Eliseu	leprosos	
				o profeta	nenhum (leproso)	
28		sinagoga				
29	cidade					
	cidade					

1) A chegada de Jesus na cidade (16)

2) O cumprimento profético (17-21)

3) Primeira reação dos Nazarenos (22)

4) Resposta de Jesus (23-27)

5) Segunda reação dos Nazarenos (28-29)

6) A saída de Jesus da cidade de Nazaré (30)

O termo que se sobressai na repetição é “profeta” e seus correlatos. Jesus lê o rolo que é especificado como sendo do “profeta” Isaías, menciona os profetas Elias e Eliseu por nome, e sua máxima no versículo 24 é “nenhum *profeta* é bem vindo em sua terra de origem”. Isso é de primeira grandeza no contexto, pois Jesus é apresentado como profeta, mas um profeta rejeitado

pela sua própria *cidade de origem* – outra repetição notável no texto. A rejeição de profetas pelo seu próprio povo é tema encontradíssimo nas tradições de Israel, nas quais Jesus se insere como rejeitado pela sua própria cidade. Isso também é reforçado pela ênfase de que o ambiente é o da sinagoga (3x).

Outra repetição proporcional a “profeta” é a que descreve os necessitados (pobres, cativos, etc.). É notório que os pobres, cativos e quebrados da citação profética estejam associados aos milagres da viúva de Sarepta e à cura de Naamã. No contexto, esses necessitados são atendidos mediante intervenção sobrenatural.

A rejeição citada acima por parte de sua própria gente, portanto, fica em paralelo com os milagres da viúva de Sarepta da Sidônia e Naamã, o Sírio, ambas referências gentílicas a necessitados. A tradicional ênfase gentílica de Lucas fica aqui caracterizada. Como em outros lugares (Rm 9-11, Jo 1.11-12) a bênção estendida a gentios tem ligações com a rejeição por parte de judeus.

O diagrama de progressão põe em destaque que o ponto 4 é o clímax do texto, pois é nele que se concentra a ênfase maior em “profeta” destacada no diagrama anterior. O ponto maior não foi a afirmação do cumprimento do texto profético, mas a resposta de Jesus diante da alegação – provavelmente oculta na pergunta: *não é este filho de José?* – de sua origem sem importância para ser um “ungido do Senhor”. Ao responder com a máxima do versículo 24 já citada e os exemplos de milagres gentílicos mencionados, Jesus provocou a ira de seus ouvintes.

A proeminência da Escritura, por sua vez, é mostrada não só na repetição de “rolo/Escritura”, mas também na longa citação do texto profético, e está associada aos infinitivos “evangelizar-anunciar-enviar-anunciar” que definem a função do ungido (o Cristo) do Senhor. Entretanto, essa função precisa ser entendida à luz da ênfase maior do contexto no profeta milagreiro. Os termos “pobres”, “cativos”, “cegos” e “quebrados” precisam ser entendidos no contexto da ausência dos milagres em Nazaré por parte do profeta famoso por fazer milagres. O “ano aceitável do Senhor”, uma referência ao Jubileu, também deve ser entendido *a priori* nesse mesmo contexto.

As respostas às perguntas levantadas acima precisam levar em conta esses elementos destacados. Lucas apresenta Jesus como profeta milagreiro que é rejeitado em sua cidade, mas será rejeitado finalmente por todos, à semelhança dos profetas antigos rejeitados pelo seu próprio povo. Jesus atende os necessitados por meio de intervenções milagrosas e não por proposta de reforma social.

Os profetas literários anteriores ao cativo realizaram um ministério sofrido porque denunciaram os pecados sociais de Israel. Mas, a partir do cativo, cresce um sentimento de necessidade de intervenção divina radical, dada a gravidade da situação.

A segunda parte do livro de Isaías, onde estão os referenciais proféticos lidos por Jesus na sinagoga de Nazaré, pressupõe o cativo, e já começa a se enquadrar no conceito de intervenção divina mais direta.

Além disso, é preciso ler esses textos proféticos no momento de Jesus, que representa uma situação posterior de esperanças já desgastadas quanto a uma restauração de Israel “intra-mundo” que colaborou para novas leituras dos profetas. Essa situação contribuiu para desenvolvimentos apocalípticos dualistas que distinguem duas eras bem diferentes entre si, separadas por uma intervenção divina radical, de cuja iminência os milagres de Jesus são sinal, ao mesmo tempo em que o autenticam como aquele que o Senhor ungiu, o Cristo. Trata-se, portanto, de sinais messiânicos.

CONCLUSÃO

O exegeta, como é o caso do autor desse ensaio, fica incomodado com leituras que dão um salto hermenêutico muito rápido, pintando Jesus como “reformador social” no evangelho de Lucas (bem como nos outros evangelhos) cujos milagres, com frequência, são vistos como sinais hermenêuticos da preocupação social de Jesus.

Ao que parece, entretanto, em Lucas Jesus está mais próximo de um profeta que autentica sua unção divina com intervenções sobrenaturais, do que de um reformador social. Há, de fato, uma crítica social – mas uma crítica social religiosa à moda apocalíptica com intervenções divinas milagrosas.

Isso, entretanto, não significa que a igreja deva descartar a responsabilidade social e ater-se tão somente a salvar almas para o céu. Este posicionamento não é “bíblico” como tantas vezes foi alegado, mas profundamente cultural, sob influência de reações ao liberalismo de cunho tão somente ético e ao evangelho social nos inícios do século XX. É aqui que está a origem desse debate, e não na Bíblia.

Mas mesmo que Jesus e a igreja primitiva não tenham se envolvido diretamente em reforma social, os princípios básicos do evangelho que implicam em servir ao próximo precisam ser levados em conta para pautar a práxis cristã no nosso mundo “cristão” pós-colonização, no qual, de modo diferente daquele de Jesus e seus primeiros seguidores, os cristãos têm espaço e desafios peculiares para serem “sal da terra e luz do mundo”.

¹ Desde o início, por escolha do comitê organizador, este foi o título do congresso. Mas também desde o início foi usado o título mais curto “Congresso de Evangelização Mundial”. Esta questão, entretanto, não é tão relevante. GRAHAM, Billy (et. al.). *A Missão da Igreja no Mundo Hoje. As principais palestras do Congresso Internacional de Evangelização Mundial realizado em Lausanne, Suíça*. São Paulo/Belo Horizonte: ABU/Visão Mundial, 1982, p.27.

² GRAHAM, Billy (et. al.). *A Missão da Igreja no Mundo Hoje*, p.11ss

³ Veja STOTT, John. *John Stott Comenta o Pacto de Lausanne*. Série Lausanne 4. São Paulo/Belo Horizonte: ABU/Visão Mundial, 1984.

- ⁴ STOTT, John R. W. (org.). *Evangelização e Responsabilidade Social*. Série Lausanne 2. São Paulo/Belo Horizonte: ABU/Visão Mundial, 1983, p.22-23.
- ⁵ CAVALCANTI, Robinson. "Lausanne: Caminhos e descaminhos do Evangelismo". In: *Boletim Teológico* 4.12. São Leopoldo, 1990, p.29-36.
- ⁶ KIVITZ, Ed R. "Uma síntese teológica da Missão Integral" In: *Missão Integral. Proclamar o reino de Deus, vivendo o evangelho de Cristo*. Belo Horizonte/Viçosa: Visão Mundial/Ultimato, 2004, p.63.
- ⁷ ZABATIERO, Julio P.T. "Os desafios do Pacto de Lausanne para a Igreja hoje". In: KOHL M.W. e BARRO, A. C. (orgs). *Missão Integral Transformadora*. Londrina: Descoberta, 2005, p.21.
- ⁸ GONDIM, Ricardo. *Missão Integral. Em busca de uma identidade evangélica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p.105-142.
- ⁹ Este é o slogan da Igreja Evangélica Paz e Vida, que pode ser visto em todos os seus templos.
- ¹⁰ BECKER, U. "Evangelho". In: BROWN, Colin (ed.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. v.3. São Paulo: Vida Nova, 1982, p.169.
- ¹¹ *CONCORDANCE TO THE NOVUM TESTAMENTUM GRAECE*. Third Edition. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1987, p.722-725, 1032-1034. FRIEDRICH, Gerhard. "εὐαγγελίζομαι, εὐαγγέλιον, προεὐαγγελίζομαι, εὐαγγελιστής". In: KITTEL, G. (Ed.). *Theological Dictionary of the New Testament*. v. II Δ-H. Grand Rapids: Eerdmans, 1987, p.707-737. BECKER, U. "Evangelho, Evangelizar, Evangelista" In: BROWN, C. (ed.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. v. II E-J. São Paulo: Vida Nova, 1985, p.166-174. GREEN, Michael. *Evangelização na Igreja Primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 1984, p.63.
- ¹² Devo esta percepção a SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008, p.102-103.
- ¹³ Veja discussão em GONDIM, Ricardo. *Missão Integral*, p.140-142. Para "Reino de Deus" como transformação ética do coração em Lucas ver, por exemplo, BARROS, Wilson T. de. *O pobre nos escritos de Lucas*. São Paulo: FTBSP, 2000 (Dissertação de Mestrado).
- ¹⁴ STOTT, John. *John Stott Comenta o Pacto de Lausanne*. Série Lausanne 4. São Paulo/Belo Horizonte: ABU/Visão Mundial, 1984, p.27.
- ¹⁵ Tradução minha a partir de ALAND, Bárbara (et. al. eds.). *Novum Testamentum Graece*. Post Eberhard et Erwin Nestle. 27^a ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- ¹⁶ ROBBINS, Vernon K. *The Tapestry of Early Christian Discourse: Rhetoric, society and ideology*. London/New York: Routledge, 1996, e *Exploring the Texture of Texts: A guide to socio-rhetorical interpretation*. Harrisburg: Trinity Press International, 1996.